

A CIDADE E O URBANO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Vanilton Camilo de Souza – IESA/UFG

RESUMO: Esse texto objetiva discutir o processo de construção do conhecimento sobre a cidade e sobre o urbano realizado pelos alunos das licenciaturas em universidades goianas. Para tratar esse tema, inicialmente, apresentam-se algumas orientações sobre a cidade e sobre o urbano e como essas orientações aparecem no processo de formação do professor de Geografia. Em seguida, discute-se sobre o conhecimento construído pelos alunos das licenciaturas e as orientações metodológicas no ensino desses conteúdos no âmbito escolar.

PALAVRAS CHAVE: Cidade; Formação de Professores; Ensino de Geografia.

Considerações iniciais

Esse texto é parte da tese de doutorado de Souza (2009) que objetivou analisar o processo de construção de conhecimento geográfico na formação inicial de professores. A metodologia da pesquisa consistiu, basicamente, na análise de narrativas escritas pelos sujeitos da pesquisa durante a formação inicial. Nessas narrativas, os alunos de licenciatura em Geografia da UFG, UEG e PUC-Goiás explicitaram o conhecimento construído em diversas disciplinas ao longo do curso. Nesse texto, serão consideradas as narrativas escritas na disciplina de Geografia Urbana, nos anos de 2007 e 2008. Além das narrativas, foram analisados os programas de ensino da disciplina Geografia Urbana, adotados nos cursos de cada uma das universidades, além de depoimentos sobre este tema colhidos durante a pesquisa por esses sujeitos.

Os estudos sobre a cidade, realizados atualmente na Geografia, ocupam considerável espaço no meio acadêmico devido às análises empreendidas no processo de produção do espaço urbano e, recentemente, pelo enfoque educativo que a cidade assume no desenvolvimento da Geografia no âmbito escolar. Nesse sentido, é incontestável que tais estudos têm contribuído para o desenvolvimento da Geografia acadêmica, bem como da Geografia escolar.

Para a Geografia acadêmica, as discussões sobre a cidade e sobre o urbano têm reforçado a utilização de conceitos caros à Ciência Geográfica, tais como: espaço, lugar, paisagem, território e região. Além dessas categorias, Cavalcanti (2001) ressalta a importância da escala para a análise do tema. Para a autora, essa categoria define não apenas a amplitude da análise (a escala), mas, também, o olhar que se empreende sobre as questões inerentes à cidade.

Em relação à escala, na análise do espaço urbano, foi possível à Geografia desenvolver estudos que tomam a cidade a partir do seu arranjo interno (o intraurbano), bem como de sua articulação com outras espacialidades (o regional, por exemplo). Em relação aos diversos olhares sobre os estudos urbanos, a cidade pode ser tomada, como espaço que educa, tanto em referência aos aspectos da vida do cidadão no cotidiano da cidade, aos modos de vida, ao ir e vir quanto pelos aspectos que os conteúdos da Geografia Urbana podem assumir no âmbito escolar ao se ensinar essa disciplina. Qualquer perspectiva que toma a cidade como objeto há de se ter uma clareza teórica para definir que orientações são mais adequadas ao que se pretende.

As concepções sobre a cidade e sobre o urbano

Nos trabalhos de análise sobre a cidade, sobre o urbano e os sujeitos neles envolvidos, essencialmente no caso brasileiro, notam-se, na atualidade, a utilização de diversas orientações teóricas e metodológicas. Segundo Freitag (2006), o Brasil teve diversas filiações à escolas que desenvolveram teorias sobre a cidade. A filiação dependia do sentido dado a essas teorias para o caso brasileiro. Uma dessas filiações é dada por Henry Lefebvre, que exerceu forte influência nos estudos sobre a cidade e o urbano no Brasil.

Para Lefebvre (1991), “a cidade é obra de certos ‘agentes’ históricos e sociais (p. 48)”. É “realidade presente, imediata, dado pratico sensível, arquitetônico (p. 49)”. A concepção de cidade para Lefebvre decorre da concepção de que o espaço é produto social. Além disso, o autor toma o termo produção no seu sentido mais amplo, o qual pode designar a produção de obra, de conhecimento, de relações sociais, de cultura, de civilização, de bens materiais, de obras de arte e de objetos práticos e sensíveis. Já o urbano é “realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento.” (p. 49).

Nas últimas décadas do século XX, o urbanismo e as práticas urbanas no Brasil tiveram forte influência norteamericana e o desenvolvimento das cidades configurou os padrões de uma concepção que, segundo Freitag (2006), consistia na intensa verticalização das construções urbanas, no uso de veículos particulares como meio de transporte, na construção de túneis e elevados, na centralidade de serviços urbanos etc. Esse modelo de “desenvolvimento urbano destruiu formas de urbanidade, civilidade, solidariedade entre os moradores brasileiros [...]”. (FREITAG, 2006, p. 132).

Essa perspectiva norteamericana de urbano e de urbanismo é criticada por Lefebvre. Para o autor, são práticas e teorias que evidenciam o caráter eminentemente técnico e ideológico. Tais práticas e teorias estão ligadas a uma sucessão de crises, criadas pelo capitalismo, nas cidades.

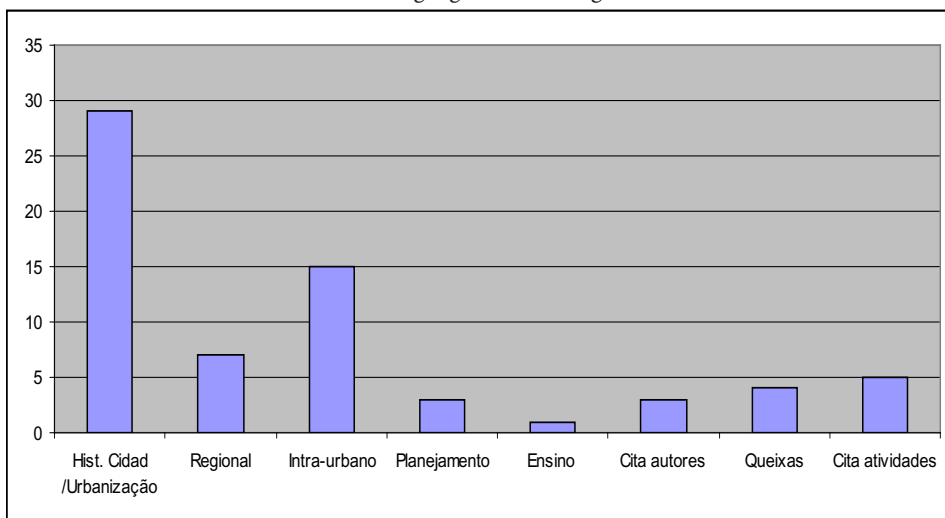
Além de diferentes concepções teóricas sobre a cidade, as diferenças podem ser explicitadas do ponto de vista da escala de análise. Nessa perspectiva, existem aqueles que tomam a cidade como possibilidade da análise regional e aqueles que a analisam numa perspectiva intraurbana. Os que defendem essa última perspectiva o fazem sob o argu-

mento de que os aportes teóricos e metodológicos para a análise regional não se aplicam à análise intraurbana e que a primeira não consegue ter uma compreensão real do que é a cidade em sua complexidade, considerando o seu cotidiano, suas culturas, o convívio, o ir e vir das pessoas, dentre outros aspectos. (VILLAÇA, 2001).

É certo que os estudos intraurbanos devem ser ampliados sob o argumento de que tal escala de análise é importante para o entendimento da complexidade do ensino sobre a cidade, especialmente, quando se recortam elementos do espaço urbano para compor a matéria de ensino da Geografia. Entretanto, a análise de escala regional é da mesma forma importante. Inclusive, o urbano pode ser analisado e ensinado complementarmente pelos estudos das duas perspectivas acima explicitadas. O argumento dessa afirmação reside no fato de que diversos autores que tratam do ensino da Geografia afirmam que, ao ensinar sobre o lugar, deve-se articular o local e o global.

Os dados de uma pesquisa que investigou a formação inicial dos professores de Geografia nessas universidades apontaram tais orientações sobre a cidade e o urbano nesse processo de formação. Ou seja, os estudos do lugar na cidade e suas articulações com o global, foram bases essenciais desse processo e se orientaram pela perspectivas do intraurbano. No entanto, essa relação local global não se constituiu aprendizagens na maior parte dos alunos nesse processo de formação. O Gráfico 01 representa essa categorização a partir das narrativas escritas pelos alunos sujeitos da pesquisa.

Gráfico 01: Conteúdos e temas explicitados nas narrativas de Geografia Urbana realizadas pelos alunos das licenciaturas em geografia das IES goianas em 2007 e 2008



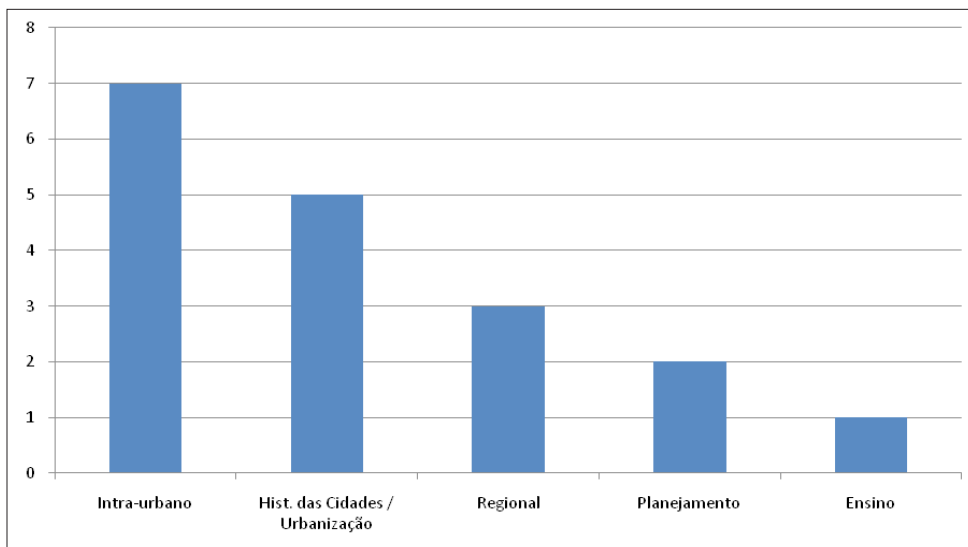
Fonte: Pesquisa em campo.

Organização dos dados realizada por SOUZA, V. C. (2009).

Os aspectos mais gerais da disciplina Geografia Urbana estão presentes em 87,8% das narrativas. Infere-se, a partir desse dado, que os conteúdos sobre a história das cidades, o processo de urbanização e crescimento das cidades e o processo de metropolização aparecem com destaque ou como aprendizado ou como conteúdo que marcaram os estudos dos alunos. É um foco temático presente em todas as narrativas que explicitaram quaisquer outros focos. Verifica-se que o intraurbano ocupa o segundo lugar nas narrativas de Geografia Urbana como o conteúdo mais estudado e/ou apreendido pelos alunos das licenciaturas das três universidades.

Essas são as características dos conteúdos das narrativas sobre a Geografia Urbana. Entretanto, se se tomar por base as sete narrativas selecionadas como as que apresentaram uma aprendizagem mais sistemática nessa disciplina, os conteúdos mais destacados nos textos dos alunos como os mais apreendidos serão aqueles focados pelos estudos intraurbanos, conforme os dados apresentados no Gráfico 02.

Gráfico 02: Enfoques sobre a cidade e sobre o urbano presentes nas narrativas de Geografia Urbana que explicitaram aprendizagem, elaborada pelos alunos das licenciaturas das IES goianas em 2007 e 2008



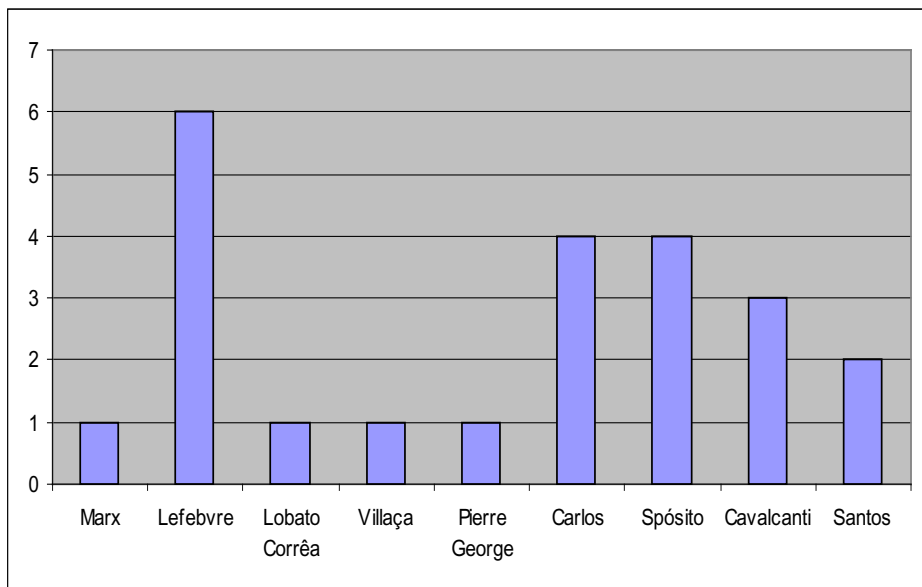
Fonte: Pesquisa em campo.
Organização dos dados realizada por SOUZA, V. C. (2009).

Conforme dados do gráfico 2, o aspecto intraurbano é o que mais se destaca como conhecimento construído na disciplina de Geografia Urbana. As dimensões regional e de planejamento não são explicitadas como conhecimento adquirido pelos alunos da

PUC Goiás. A dimensão pedagógica ou a cidade na dimensão do ensino escolar, por sua vez, foi manifestada apenas na narrativa de um aluno da PUC Goiás. Nela, é perceptível a visão do aluno sobre a cidade e o urbano, explicitados como espacialidade que manifesta suas próprias relações socioespaciais. Essa perspectiva é que levou o aluno a refletir sobre a sua cidade bem como elaborar produções acadêmicas e culturais sobre ela (Aparecida de Goiânia). A narrativa desse aluno explicitou também que suas análises têm como referência os conceitos da Geografia, além de anunciar uma crítica sutil aos urbanistas sobre as intenções de mudarem a cidade pelo planejamento. Infere-se assim que uma concepção de cidade por esse sujeito se efetivou pela relação do conteúdo com a sua prática cotidiana na cidade.

Fica evidente que as aprendizagens podem ser concebidas como resultado do que se propõem os programas das disciplinas das IES, conforme mostrado anteriormente no quadro 01. Outra evidência que atesta a veracidade dessa inferência pode ser constatada a partir dos autores citados pelos alunos ao escreverem suas narrativas. O gráfico 03 apresenta essa evidência e, com ela, percebe-se uma forte consonância com as bibliografias anunciadas nos programas, principalmente, com aquelas que são referência para o foco nas análises do intraurbano.

Gráfico 03: Autores citados nas narrativas sobre geografia urbana realizadas pelos alunos das licenciaturas em geografia das universidades goianas em 2007 e 2008

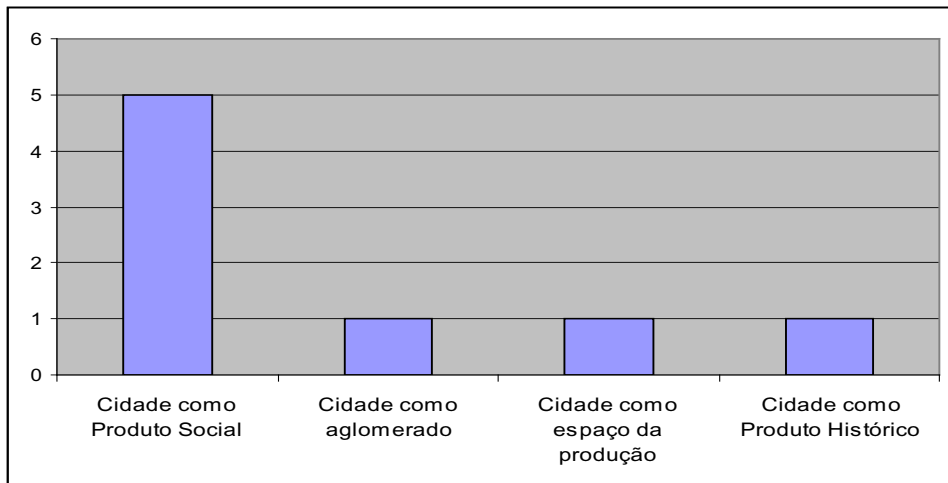


Fonte: Pesquisa em campo.

Organização dos dados realizada por SOUZA, V. C. (2009).

O Gráfico 04 apresenta outro aspecto interessante presente nas narrativas consideradas as que obtiveram melhor aprendizado: prevalece uma perspectiva crítica ao conceber a cidade como espacialidade.

Gráfico 04: Concepções de cidade presentes nas narrativas que explicitaram aprendizagem em Geografia Urbana, realizadas pelos alunos das licenciaturas das universidades goianas em 2007 e 2008.



Fonte: Pesquisa em campo.
Organização dos dados realizada por SOUZA, V. C. (2009).

Tomando por base as orientações teóricas da Geografia no atual cenário de formação de professores, as perspectivas críticas dessa ciência é o que orientou o conhecimento dos alunos que selecionamos como os que efetivamente apresentaram uma aprendizagem mais significativa na formação inicial, especificamente, no campo da Geografia Urbana. Em vista disso, será discutido a seguir como esses alunos pensam o ensino desses conteúdos para a escola.

O ensino de Geografia Urbana

A Geografia trabalhada nas escolas na atualidade necessita promover avanços em relação aos conteúdos ensinados, em relação às concepções em torno da ciência geográfica e de seus conceitos, em relação às metodologias de ensino da disciplina e em relação aos processos de aprendizagem e aquisição de conhecimento por parte dos alunos. Essa necessidade de mudança é recorrente em autores que tratam da Geografia e de seu ensino na educação básica. Entretanto, as necessidades de mudança preconizadas no meio acadêmico não significam que o ensino dessa disciplina não tem tido avanços nos últimos tempos.

Se se pensa que um dos papéis da Geografia Escolar é contribuir para a formação da cidadania, a Geografia Urbana é considerada uma das principais áreas da Geografia no cumprimento desse papel. Isso porque, ao trabalhar os conteúdos, podem-se articular os conceitos da Geografia à vida na cidade.

Quando se fala de cidadania, há de se ter em mente qual a noção de cidadania que se postula. Diversos estudos sobre o assunto na atualidade apontam para a forte marca da ideia de cidadania construída sob os auspícios da sociedade moderna, especificamente, com o advento da Revolução Francesa e da independência dos EUA. É uma ideia de cidadania vinculada à perspectiva de participação política extremamente difundida por esses dois eventos políticos da era moderna. Dessa forma, cidadania passa a ser compreendida essencialmente como a participação política do indivíduo nos pleitos eleitorais.

Se no plano político o voto tem representado uma concretização dessa noção de cidadania, no plano da consciência política, das condições sociais de sobrevivência, do respeito à diversidade cultural e dos processos de aquisição do saber, o referido termo está aquém de uma significativa parcela da população, principalmente, a dos países mais pobres do mundo (SANTOS, 2007). Dessa forma, outras perspectivas de cidadania têm sido reconhecidas nos últimos tempos, tendo em vista as intensas reivindicações de inclusão social, de respeito à diversidade e de direitos mais amplos para melhores condições de vida e de sobrevivência dos cidadãos. É uma noção de cidadania que “exercita o direito a ter direitos, aquela que cria direitos, no cotidiano, na prática da vida coletiva e pública” (CAVALCANTI, 2001, p. 20).

A escola e as disciplinas escolares estão nesse movimento conflituoso acerca da noção de cidadania. De um lado, a escola difunde uma noção alheia à realidade social e cultural de seus alunos. De outro, significativos esforços têm sido depreendidos no sentido de questionar essa realidade escolar e buscar alternativas para mudá-la.

A cidadania, portanto, não deve ser pensada como algo alheio ao ambiente escolar, fora do dia a dia da escola, destituída da relação professor/aluno, dos conteúdos e dos seus objetivos. Pensar uma cidadania que promova a consciência crítica dos indivíduos sobre a sua realidade social, sobre seu direito às condições mais dignas de sobrevivência, direito às suas manifestações culturais, direito de acesso ao conhecimento etc, ver-se-á que a escola tem responsabilidade direta e indireta com essa outra dimensão de cidadania. Direta quando ela possibilita às pessoas a construção do conhecimento e a tomada de uma consciência crítica sobre a realidade. Indireta quando se crê que o saber e a consciência crítica possibilitam outras práticas sociais capazes de mudar a realidade.

Nesse papel da escola, está também a Geografia. Porém, há de ser uma disciplina que supere a lógica da Geografia escolar que visa a caracterização do quadro natural no espaço, a descrição da relação homem-meio, a simples localização de fenômenos no espaço etc. Enfim, uma Geografia descontextualizada da realidade escolar, que não promove a reflexão do aluno sobre os temas da disciplina; uma disciplina distante da noção de cidadania que se busca construir na atualidade.

Os conteúdos de Urbana capazes de promover essa alteração no ensino são aqueles referenciados por uma perspectiva crítica da Geografia. Nesse sentido, a cidade, vista como produto da sociedade, espaço da produção social e como produto histórico (concepções explicitadas pelos alunos sujeitos dessa pesquisa, Gráfico 04), constitui-se numa importante perspectiva teórica para esse “novo” papel da Geografia Escolar.

O tratamento didático ao conhecimento sobre a cidade e o urbano construído pelos alunos da licenciatura estão coerentes com o apreendido. Dos sete alunos entrevistados, quatro explicitaram que os conteúdos de Geografia Urbana que eles selecionariam para serem ensinados na escola dizem respeito aos estudos da Geografia intraurbana. A seguir, alguns depoimentos:

(01) Hoje eu diria que os conteúdos de Geografia Urbana mais interessantes são os que tratam do crescimento da cidade, do sistema de transporte, do ir e vir das pessoas e das mercadorias, das criações de novas centralidades urbanas e o papel do capitalismo nesse processo. Agora o mais interessante é estudar as periferias nesse processo de desenvolvimento da cidade. A periferia como resultado ruim de tudo de bom que possui na cidade. Esse é o grande dilema dos estudos da cidade. Eu trabalharia esses conteúdos a partir da realidade dos alunos. Os alunos vivem diversas centralidades da nossa cidade. Fazem compra no Garavelo, no Flamboyant, na feira do seu bairro, no comércio da sua rua etc. Pega ônibus no seu dia a dia. Tudo isso dá para trabalhar com a realidade do aluno. (Aluno 9, PUC Goiás).

(02) Eu acho importante os estudos sobre a relação da cidade com o campo. Nós possuímos uma forte cultura do campo na cidade, mas também existe uma forte negação dessa cultura no meio urbano. Ainda prevalece muito a ideia da cidade como o moderno e o campo como o atrasado e isso dificulta compreender essa relação. Entender as periferias da cidade hoje é entender esse movimento do homem do campo para a cidade. Como eu aprendi aqui na faculdade, devemos trabalhar a Geografia a partir da realidade do aluno, né? Nossos alunos das escolas da periferia, a maioria são filhos de pessoas que vieram do campo: do nordeste, do Tocantins, do interior do Estado. Então, eu trabalharia a partir dessa realidade. Pediria os alunos para organizar entrevistas e, com isso, motivaria os estudos sobre a relação campo-cidade. (Aluno 13, UFG).

Além desses depoimentos, todos os demais entrevistados falaram de uma metodologia de ensino dos conteúdos de Geografia Urbana tendo por base a realidade dos alunos e que as atividades iniciais consistiriam em explorar a parte da cidade pertencente ao cotidiano desses discentes.

Assim como nas perspectivas dos concluintes do curso de Geografia, diversas propostas para a Geografia Escolar têm apontado tal perspectiva metodológica como a base essencial para o trabalho com essa disciplina. Assim, o ensino de Geografia deve ocorrer tendo em vista a realidade sociocultural em que os alunos estão inseridos, os saberes geográficos que os alunos possuem e o papel dos conteúdos geográficos na construção de um pensamento geográfico capaz de ajudar o aluno a entender o mundo atual.

Considerações finais

As reflexões do texto giraram em torno do processo de construção do conhecimento sobre a cidade e sobre o urbano na formação inicial do professor de Geografia, bem como o ensino desses conteúdos na escola. Discutiu-se questões em torno das concepções sobre a cidade e sobre o urbano como elemento fundante ao processo educativo na e da cidade. Entretanto outros conceitos e concepções participam das formas atuais de se compreender e ensinar sobre a cidade e que, por uma questão de recorte, não se fizeram presentes nesse texto, mas que devem ser tomados tanto para analisar e compreender o que é ensinado sobre a cidade bem como para propor alternativas que contribuam com as transformações no ensino desses conteúdos da Geografia escolar.

Uma das transformações diz respeito à formação do professor de Geografia. Evidenciou-se o quanto é difícil a construção de um conhecimento sobre a cidade e sobre o urbano tendo o professor como sujeito autônomo desse processo. Verifica-se a necessidade de ações didáticas específicas capazes de desenvolver uma concepção de cidade na dimensão do intraurbano.

Em relação ao ensino sobre a cidade e sobre o urbano evidencia-se a necessidade de se ter os conceitos geográficos para o ensino desses conteúdos, bem como ter uma fundamentação teórica e metodológica para objetivar um ensino de Geografia compatível com a perspectiva de formação da cidadania. Ou seja, um aluno autônomo sujeito de sua aprendizagem e que seja capaz de construir um pensamento espacial tendo como referência a cidade e o urbano, espacialidade referência para a maioria das práticas espaciais das pessoas no mundo atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia da Cidade**. Goiânia: Alternativa, 2001.
- FREITAG, Bárbara. **Teorias da Cidade**. Campinas: Papyrus, 2006.
- LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Edusp, 2007.
- SOUZA, Vanilton Camilo. **O processo de construção do conhecimento geográfico na formação inicial do professor**. Goiânia: IESA/UFG, 2009. (Tese de Doutorado)
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Nobel, Fapesp e Lincoln Institute, 2001.